

TRIBUNA

Helio Begliomini

Titular e Emérito da Cadeira 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob a patronímica de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro

BREVE HISTÓRIA DA ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO Parte I – Pré-Fundação

“História não é só cronologia.”

Alexandre Herculano (1810-1877), escritor português

A primeira tentativa de fundar uma entidade que congregasse médicos no estado de São Paulo ocorreu no final do Regime Imperial. Em 7 de setembro de 1888, instalada no edifício da Faculdade de Direito, surgiu a **Sociedade Médico-Cirúrgica de São Paulo**¹, que teve por fundador e primeiro presidente, Antônio Pinheiro de Ulhôa Cintra (1837-1895)², conhecido também como Barão de Jaraguá, médico e político notável em São Paulo. A **Sociedade Médico-Cirúrgica de São Paulo** reuniu 70 sócios fundadores, mas teve existência curtíssima, sendo dissolvida em 1891.

Segundo Rezende Puech³, “essa primeira agremiação médica paulista não conseguiu vingar por falta de união entre seus membros. Foi tal a rivalidade, que a cisão provocada impediu por alguns anos que se conseguisse formar uma nova sociedade”.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO

PROTAGONISTAS

A criação de uma entidade médica paulista foi ardentemente idealizada e desejada por dois ilustres médicos que atuavam na capital, no final do século 19 e início do século 20, como atestaram Duílio Crispim

¹ Sadi, Afiz e Freitas, Divaldo Gaspar de. O Ensino Médico em São Paulo Anteriormente à Fundação da “Paulista”. São Paulo, Editora Comercial Safady Limitada, 1995; e Arêas, João Braga; Lopes, Atiele Azevedo de Lima; Fonseca, Maria Rachel Fróes da; Madureira, Francisco José Chagas; e Teixeira, Luiz Antonio. Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. In: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) – Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2010, páginas 1-7.

² Antônio Pinheiro de Ulhôa Cintra ou Barão de Jaraguá, curiosamente, foi o pai de Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra – biografado neste livro –, que se tornaria o 25º presidente (1923-1924) da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo. Outrossim, o Barão de Jaraguá foi tio-avô de Antônio Barros de Ulhôa Cintra (1907-1998), professor catedrático de clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP); reitor da USP (1960-1963); e secretário da Educação do estado de São Paulo, ocasião em que criou a Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Ademais, é o patrono da Cadeira 33 da Academia de Medicina de São Paulo.

³ Luiz Manuel de Rezende Puech foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, durante um mandato anual entre 1920-1921, e é o patrono da cadeira 115 desse sodalício.

Farina⁴, renomado médico, literato e historiador paulista; Lycurgo de Castro Santos Filho⁵, médico, pesquisador, genealogista, literato e notável historiador da medicina brasileira; Luiz Antonio Teixeira⁶, historiador e pesquisador contemporâneo; e José de Oliveira Ribeiro Netto, professor e antigo membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo.

Seus dois grandes protagonistas – curiosamente não paulistas – foram Mathias de Villhena Valladão (1860-1920)⁷, mais conhecido por Mathias Valladão, natural de Campanha da Princesa (MG) e figura de destaque no cenário médico paulista, no qual clinicou durante 30 anos; e Sérgio Florentino de Paiva Meira (1857-1917)⁸, mais conhecido por Sérgio Meira, natural de Vila do Pilar (PB), e primeiro diretor do Serviço Sanitário de São Paulo.

FATOR DETERMINANTE

À época, a figura de Luiz Pereira Barreto⁹ destacava-se no cenário paulista como médico, escritor, pensador, cafeicultor e político. Como médico, dedicou-se à cirurgia e à obstetrícia. Em 1887, havia dirigido uma campanha contra a febre amarela na cidade de Campinas e publicado diversos artigos sobre esse tema no jornal *A Província de S. Paulo*. Ademais, como pensador, havia escrito diversos livros de índole positivista¹⁰. Como cafeicultor, foi pioneiro na introdução de novas técnicas de cultivo na lavoura cafeeira paulista, plantando o café Bourbon¹¹ na região de Ribeirão Preto e difundindo as benesses da terra roxa do oeste paulista como excelência da lavoura cafeeira. Político do Partido Republicano, tinha sido eleito deputado estadual e depois federal por São Paulo, além de ter exercido o cargo de presidente da Assembleia Constituinte Estadual de 1891.

4 Duílio Crispim Farina (1921-2003), ginecologista e obstetra de formação, dentre tantos feitos, presidiu o Departamento Cultural da Associação Paulista de Medicina (1975-1982); a Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (Sbem), hoje, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) – Regional de São Paulo (1976) e a sede nacional (março de 1978 a março de 1979); a Academia Cristã de Letras (1984-1985; e segundo ocupante da Cadeira 27 sob a patronímica de São Lucas); e a Academia Paulista de História (1989-1991 e 1992-1994; e fundador da Cadeira 11 sob a patronímica de Frei Gaspar da Madre de Deus). Foi o terceiro ocupante da Cadeira 40 da Academia Paulista de Letras, sob a patronímica de José Bonifácio, o patriarca, e é o patrono da Cadeira 78 da Academia de Medicina de São Paulo.

5 Lycurgo de Castro Santos Filho (1910-1998), urologista de formação, especializou-se em história da medicina e foi professor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 1965-1970) e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC – Campinas, 1969-1974). Publicou aproximadamente 150 títulos, particularmente sobre a historiografia médica brasileira, tornando-se referência nessa área. Dentre outros feitos, salienta-se que presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas (1940-1941); a Academia Campinense de Letras (1960-1976), tornando-se presidente de honra; a Regional de São Paulo da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (1976-1977); a Academia Paulista de História (1977-1979 e 1980-1982); e a Academia Paulista de Letras (1983-1984 e 1985-1986), tendo sido o sexto ocupante da Cadeira 23 desse sodalício, sob a patronímica de Monsenhor Manuel Vicente. Dentre outras entidades de que participou destacam-se: Academia Nacional de Medicina (correspondente, 1970); Academia Carioca de Letras; Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros, de São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Sergipe; e da Sociedade Internacional de História da Medicina (Paris).

6 Luiz Antonio Teixeira Leite é mestre em saúde coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994), doutor em história social pela Universidade de São Paulo (2001) e pesquisador associado da Fundação Oswaldo Cruz.

7 Mathias de Villhena Valladão tornar-se-ia o quarto presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, num mandato anual entre 1898-1899.

8 Sérgio Florentino de Paiva Meira tornar-se-ia o oitavo presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, presidindo-a em dois mandatos anuais entre 1902-1903 e 1909-1910.

9 Luiz Pereira Barreto (1840-1923), curiosamente, tampouco era paulista de nascimento. Natural de Resende (RJ), graduou-se na Universidade de Bruxelas, Bélgica, em 1865. Radicou-se na capital de São Paulo e aí ganhou fama. Também foi um dos membros fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado em 1º de novembro de 1894, e membro titular fundador da Cadeira 3 da Academia Paulista de Letras, sob a patronímica de Matias Aires Ramos da Silva Eça, em 27 de novembro de 1909.

10 Positivismo, filosofia positivista ou comtismo é uma corrente filosófica criada por Auguste Comte (1798-1857) e desenvolvida por inúmeros discípulos. Propõe-se a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas.

11 Produto obtido em Resende após experimentos na fazenda Monte Alegre.

Luiz Pereira Barreto era da oposição. Suas ideias exaradas em artigos e discursos eram duramente contestadas pela situação, também em artigos veiculados na imprensa.

Pari passu, no final de 1894 e início de 1895, houve campanha difamatória contra os médicos paulistas, acusados de apresentar contas exorbitantes a serem cobradas do inventário de pacientes ricos falecidos. Paradoxalmente, essa desacreditação serviu para uni-los. Revoltados com a difamação que lhes atingia, houve uma movimentação da classe para uma ação de desagravo.

Em contrapartida, um minucioso e extenso estudo convertido em livro dos albores da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**, de Luiz Antonio Teixeira, assim se refere: *“O fato é que a pesquisa nos jornais da época não indica a existência de nenhuma ofensa a Luiz Pereira Barreto, e sim o objetivo de homenageá-lo, em virtude de sua volta à clínica¹². Na verdade, uma longa luta travada pelos médicos com o poder Judiciário – em virtude do veto deste último à possibilidade de cobrança jurídica de honorários – no ano de criação da Sociedade foi transformada posteriormente, por esses memorialistas, em motivo de criação da instituição. De forma explícita ou implícita, era esse o motivo a que se referiam quando falavam das ofensas a Pereira Barreto¹³”*.

Tibério de Almeida – membro fundador e redator do **Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo** – aduzindo os dois fatos, assim consignou dois anos após a fundação da entidade: *“Todos nós conhecemos os motivos que concorreram para a confraternização da classe médica de São Paulo, e sob que auspícios fora organizada a atual Sociedade de Medicina e Cirurgia. Se os mesmos motivos permanecem, se as condições da classe perante o poder Judiciário do Estado continuam no mesmo pé, parece que tão cedo a confraternização da classe não deverá ser assim profunda e radicalmente abalada¹⁴”*.

Depreende-se, assim, que as “ofensas” a Luiz Pereira Barreto possam ter sido possivelmente supere-xageradas, funcionando mais como um estratégico e inteligente ardil ou pretexto. A favor dessa ideia, encontra-se, à frente, um excerto do discurso do próprio Luiz Pereira Barreto, proferido no jantar em sua homenagem e no dia de fundação da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**, no qual não se refere a injúrias sofridas.

Nesse cenário, Sérgio Florentino de Paiva Meira e Mathias de Vilhena Valladão, principais artífices do neossodalício, catalisaram forças e apressaram-se em convidar Luiz Pereira Barreto, grande líder e eminente figura paulista, para somar forças na união dos médicos e na fundação da **Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo**. ■

¹² O Estado de S. Paulo – edição de 11 de março de 1895, segunda-feira, página 1.

¹³ Teixeira, Luiz Antonio. *Na Arena de Esculápio – A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913)*. São Paulo – Editora Unesp, 2007, páginas 65-66.

¹⁴ Almeida, Tibério. *Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo 2*, no 21 (março): 4, 1897.

BREVE HISTÓRIA DA ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO

Parte II – Fundação e Fundadores

FUNDAÇÃO

A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo teve, num espaço de apenas 14 dias, duas reuniões preparatórias para a sua fundação, realizadas no consultório de Sérgio Florentino de Paiva Meira, à rua São Bento, 23, respectivamente, em 24 de fevereiro de 1895¹, e em 10 de março de 1895², sendo nesta última aprovado o Estatuto; designado o dia 7 de março para a sessão solene comemorativa do dia de fundação da Sociedade; e os dias 1 e 15 de cada mês para as sessões ordinárias. Foi também aprovada a primeira diretoria (mandato anual entre 1895-1896), que ficou assim constituída: presidente, Luiz Pereira Barreto; vice-presidente, Carlos José Botelho; primeiro secretário, Sérgio Florentino de Paiva Meira; segundo secretário, Mathias de Vilhena Valladão; e tesoureiro, Erasmo do Amaral.

À noite do dia 7 de março de 1895, Sérgio Florentino de Paiva Meira e Mathias de Vilhena Valladão organizaram um banquete no clube Germania, oferecido por 70 médicos. Esse evento, preparado para 90 convidados, reuniu grande parte dos líderes da classe médica e teve finalidade dupla: ação de desagravo à figura de Luiz Pereira Barreto e comemoração e divulgação da fundação do novel sodalício.

Assim se expressou Rezende Puech: *“Em março de 1895, tendo sofrido veementes ataques, por este tempo, a notável figura de Luiz Pereira Barreto, a classe inteira congregou-se para render-lhe homenagem num solene banquete”*.

José de Oliveira Ribeiro Neto assim ratifica essa causa: *“Para desagrar Luiz Pereira Barreto, então um dos grandes nomes da medicina paulista, e, em princípio de 1895, alvo de insólita campanha, a classe médica paulista, nesta data, ofereceu-lhe um banquete”*.

Por fim, Luiz Pereira Barreto, o grande homenageado da efeméride, mostrou em seu discurso a finalidade do evento e nada se referiu às ditas “injúrias recebidas”. Eis um expressivo excerto desse discurso: *“Esta festa é significativa demais, esta festa é por demais imponente para que só um indivíduo a mereça! Não! Não é a um indivíduo que ela se dirige, não a um indivíduo que ela consagra, o indivíduo é pequeno demais para merecê-la! Esta festa representa acima de tudo um ideal! E se eu vos agradeço com todas as forças de minha alma a honra que me fazeis, é tão somente como porta-bandeira desse ideal, e como mero representante da ideia mais elevada, a da unificação científica da classe médica de São Paulo. Nenhuma maior honra eu poderia ambicionar em toda a minha vida do que a de simbolizar, hoje, a solidariedade do corpo médico. E esta prova de distinção que me dais ficará para mim como a suprema recompensa de 30 anos de árduos labores. Eu bebo, portanto, à ideia da unidade da classe, eu bebo à saúde de toda a família médica brasileira”*³.

Entretanto, a solenidade de instalação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo ocorreu oito dias após, em 15 de março de 1895. Foi realizada no salão nobre da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, local gentilmente cedido por Joaquim Ignácio Ramalho (1809-1902, figura 1), mais conhecido por Barão de Ramalho, seu então diretor (1891-1902).

1 A primeira reunião preparatória foi presidida por Luiz Pereira Barreto e secretariada por Sérgio Florentino de Paiva Meira.

2 A segunda reunião preparatória foi presidida por Theodoro Reichert e secretariada por Pedro de Rezende.

3 Banquete – Discurso pronunciado por Luiz Pereira Barreto no banquete a ele oferecido na data de fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. *O Estado de S. Paulo* – edição de 9 de março de 1895, sábado, página 1.

MEMBROS FUNDADORES

Embora o primeiro Estatuto fixasse em 50 o número de membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 40 ilustres médicos foram considerados fundadores desse neossodalício, tendo como referência as duas reuniões preparatórias acima mencionadas. Em ordem alfabética: 1. Antonio Maria Bettencourt-Rodrigues; 2. Aristides Serpa; 3. Arnaldo Vieira de Carvalho⁴; 4. Arthur Seixas; 5. Arthur Vieira de Mendonça; 6. Ataliba Florence; 7. Bernardo Ribeiro de Magalhães; 8. Cândido Espinheira; 9. Carlos Commenale; 10. Carlos José Botelho; 11. Claro Marcondes Homem de Mello; 12. Coriolano Burgos; 13. Erasmo do Amaral; 14. Evaristo Bacellar; 15. Evaristo da Veiga; 16. Felice Buscaglia; 17. Francisco Pignataro; 18. Gregório Cunha Vasconcellos; 19. Gualter Pereira; 20. Ignácio de Rezende; 21. Jayme Serva; 22. Jerônimo de Cunto; 23. João Neave; 24. José Alves Rubião; 25. José Luiz de Aragão Faria Rocha; 26. José Redondo; 27. Luiz de Paula; 28. Luiz Gonzaga de Amarante Cruz; 29. Luiz Pereira Barreto; 30. Marcos de Arruda; 31. Mathias de Vilhena Valladão; 32. Octaviano de Mello Barreto; 33. Paula Souza⁵; 34. Pedro de Rezende; 35. Philadelpho de Lima; 36. Rodolpho Margarido da Silva; 37. Sérgio Florentino de Paiva Meira; 38. Theodoro Reichert; 39. Tibério de Almeida; e 40. William Strain.

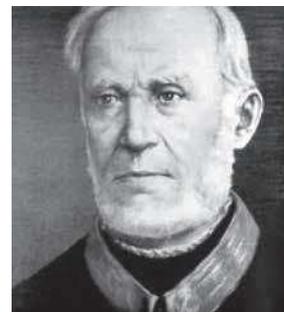


Figura 1 – Joaquim Ignácio Ramalho, o Barão de Ramalho.

EPÔNIMOS E CORRELAÇÕES

Assim como aconteceu com a Academia de Medicina de São Paulo, outrora Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo – também chamada Casa de Luiz Pereira Barreto, em virtude de ele ter sido meritariamente seu primeiro presidente, mas não por ter sido seu principal protagonista e idealizador –, aconteceria dois anos e quatro meses após com a Academia Brasileira de Letras, fundada em 20 de julho de 1897, também conhecida por Casa de Machado de Assis⁶, não por ele ter sido seu mais importante mentor, mas sim, por ele ter sido seu primeiro presidente.

Deve-se frisar que a Academia Brasileira de Letras, inspirada no genuíno modelo secular francês, foi idealizada em épocas diferentes pelo professor, poeta, historiador e político Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior (1860-1938, fundador da Cadeira 36 – figura 2), ainda no regime imperial; e pelo jornalista, professor, poeta e político José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934, fundador da Cadeira 22 – figura 3), este, em pleno regime republicano.

Entretanto, coube ao advogado, jornalista, magistrado e escritor Lúcio Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça (1854-1909, fundador da Cadeira 11 – figura 4) a iniciativa da criação de uma academia de letras⁷.

4 Os sete nomes em negrito tornaram-se presidentes da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

5 Na Ata da Segunda Sessão Preparatória estão apenas mencionados os sobrenomes Paula Souza. No livro História da Academia de Medicina de São Paulo (2013), de Guido Arturo Palomba, está consignado, à página 44, com o prenome Raphael – Raphael de Paula Souza. Por sua vez, no livro *A arena de Esculápio – A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895-1913)* – (2007), de Luiz Antonio Teixeira, está consignado, à página 64, com os prenomes José Bento – José Bento de Paula Souza. Encontra-se mencionado no jornal *O Estado de S. Paulo* – edição de 11 de novembro de 1892, sexta-feira –, à coluna 3, da página 1, capitão-cirurgião, dr. José Bento de Paula Souza; na edição de 26 de outubro de 1899, quinta-feira, à página 1, é citado inspetor sanitário, dr. José Bento de Paula Souza. Por sua vez, no jornal *O Estado de S. Paulo* – edição de 18 de maio de 1892, quarta-feira –, à página 2, há uma propaganda referindo que o médico “dr. Raphael de Paula Souza voltou de sua viagem à Europa onde frequentou hospitais de Paris, Copenhague e Berlim, e achava-se à disposição dos enfermos que queriam honrá-lo com sua confiança”; e na edição de 8 de outubro de 1895, terça-feira, página 1, há menção de que ele havia falecido “anteontem à noite, nesta cidade”. Complementando, José Bento de Paula Souza está ligado à história do bairro paulista de Água Rasa. Por sua vez, Raphael de Paula Souza dá nome a um hospital em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Assim sendo, pelos dados auferidos, não se pode afirmar qual dos dois foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

6 Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908, fundador da Cadeira 23) foi jornalista, cronista, dramaturgo e romancista, presidiu a Academia Brasileira de Letras por 11 anos e cinco meses (1897-1908) e, posteriormente, foi considerado presidente perpétuo. Hoje em dia, é considerado entre os estudiosos como o maior nome da literatura brasileira.

7 Begliomini, Helio. *Esculápios da Casa de Machado de Assis*. São Paulo – Expressão e Arte Gráfica, 2012.



Figuras 2 a 4 – Da esquerda para a direita: Afonso Celso, Medeiros e Albuquerque e Lúcio de Mendonça.

Assim, ambos, Luiz Pereira Barreto (figura 5) e Machado de Assis (figura 6), que eram figuras de proa, valorosos e reconhecidamente destacados em seus misteres entre seus pares e a sociedade contemporânea do último quartel do século 19, embora não tivessem sido os mentores, foram, natural e merecidamente, escolhidos para liderar e presidir os respectivos sodalícios em seus albores.

Entretanto, nem sempre a história se repete, e a origem de um epônimo de uma determinada entidade reflete, necessariamente, seu primeiro presidente. Exemplo disso é a Academia Paulista de Letras, fundada em 27 de novembro de 1909, precisamente 14 anos e oito meses após a fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Ela é conhecida pelos seus membros como Casa de Joaquim José de Carvalho⁸ (figura 7), por ele ter sido o principal articulador e protagonista desse silogeu, embora jamais o tenha presidido⁹ e ¹⁰. ■



Figuras 5 a 7 – Da esquerda para a direita: Luiz Pereira Barreto, Machado de Assis, e Joaquim José de Carvalho.

8 Joaquim José de Carvalho (1850-1918) nasceu no Rio de Janeiro e aí se graduou médico em 1872, com a tese “Questão médica da consanguinidade no matrimônio”. Além de sua cidade natal, clinicou em Minas, Paraná e Avaré (SP) até se radicar na capital paulista, de onde partia semanalmente para dar consultas em Santos. Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. É o patrono da Cadeira 79 da Academia de Medicina de São Paulo.

9 O primeiro presidente da Academia Paulista de Letras foi Brasília Machado, que a presidiu de 1909 a 1916.

10 Begliomini, Helio. *Asclepiades da Academia Paulista de Letras*. São Paulo – Expressão e Arte Gráfica, 2009.